

LIÇÕES DA ESCOLA DE SOCIOLOGIA DE CHICAGO PARA A PESQUISA URBANA CONTEMPORÂNEA NO BRASIL

Linda M. Gondim
PPGS – Departamento de Ciências Sociais / Universidade Federal do Ceará
lindagondim@uol.com.br

RESUMO

O artigo discute a recepção, por pesquisadores do urbano no Brasil, do legado da Escola de Sociologia de Chicago, definida como um grupo de pesquisadores que trabalharam no Departamento de Sociologia daquela Universidade sob a liderança de W. Thomas e R. Park, de 1915 a 1935, e numa segunda fase, de 1945 a 1960, sob a influência de H. Blumer e E. Hughes. Professores e seus orientandos utilizavam enfoques teórico-metodológicos convergentes, numa perspectiva interdisciplinar, combinando métodos quantitativos e qualitativos para pesquisar temas relacionados ao contexto de rápido e desordenado crescimento de Chicago. Os intensos fluxos migratórios de várias regiões europeias e do Sul dos Estados Unidos produziam áreas segregadas onde se alojavam grupos étnicos e ocupacionais e atividades econômicas, inclusive criminosas (gângues, prostitutas, andarilhos etc.), cuja localização no espaço urbano obedeceria a padrões que viriam a ser objeto de estudo pela Escola de Chicago. Esta teve influência no início da institucionalização da sociologia no Brasil, mediante a presença de Donald Pierson na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, nos anos 1940 e 1950. Na pesquisa urbana contemporânea, porém, as contribuições da Escola de Sociologia de Chicago têm sido negligenciadas, a julgar por balanços da produção nas áreas de sociologia e antropologia - embora não haja espaço, no texto, para avaliar se isto ocorre também em outras áreas que estudam a cidade. Assinale-se que permanecem sem tradução para o português grande parte das obras realizadas por e sobre integrantes da Escola de Chicago. Entretanto, esta tem muitas lições a oferecer: suas práticas interdisciplinares e plurais de pesquisa, combinando teoria e empiria, uso de métodos quantitativos e qualitativos, diversidade de fontes e compromisso com a busca da compreensão crítica dos problemas sociais e políticos, sem resvalar para a militância.

PALAVRAS-CHAVE: Escola de Sociologia de Chicago; pesquisa urbana; etnografia.

LESSONS FROM THE CHICAGO SCHOOL OF SOCIOLOGY TO CONTEMPORARY URBAN RESEARCH IN BRAZIL

ABSTRACT

The article discusses the reception of the legacy from the Chicago School of Sociology from urban researchers in Brazil. The Chicago School of Sociology is defined as a group of researchers working in the Department of Sociology of that University, under the leadership of W. Thomas and R. Park, from 1915 to 1935, in a first phase, and from 1945 to 1960, in a second phase, under the influence of H. Blumer and E. Hughes. Professors and their graduate students used convergent theoretical-methodological approaches, under an interdisciplinary perspective, combining quantitative and qualitative methods to do research on issues related to the context of rapid and disorderly growth of Chicago. The intense migratory flows to Chicago from various European regions and from the South of the United States caused the creation of areas where ethnic groups and different activities (including illegal ones such as gangs, prostitutes, hobos) settled in a segregated way. These patterns of location in the urban space were object of study by the Chicago School, which has influence on the beginning of the institutionalization of sociology in Brazil, by means of the presence of Donald Pierson in the Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, during the 1940s and the 1950s. In the contemporary urban research, however, the Chicago School of Sociology's contributions have been neglected, judging by bibliographical surveys carried out in the areas of sociology and anthropology – although there is no space, in this text, to evaluate whether this occurs also in other areas that study the city. In addition, a great deal of works by and on researchers of the Chicago School of Sociology remain to be translated to Portuguese. Yet it has many lessons to offer: its interdisciplinary and pluralistic practices of research, the combined use of quantitative and qualitative methods, diversity of sources and compromise to the search for critical comprehension of social problems and political problems, without slipping into militancy.

KEY-WORDS: Chicago School of Sociology. Urban research. Ethnography.

INTRODUÇÃO

Este artigo, baseado em pesquisa em andamento¹, problematiza a recepção, por estudiosos do urbano no Brasil, do legado da Escola de Sociologia de Chicago². Há controvérsias sobre a periodização e a própria existência dessa escola como uma tradição intelectual claramente identificável, sobretudo no que diz respeito a uma “Segunda Escola de Chicago” (Becker 1999; Fine 1995; Topalov 2007). Por isso, é importante identificar não só a herança, como sua origem: houve, no Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago, uma “escola de pensamento”? Para responder à pergunta, é necessário definir, ainda que brevemente, uma “escola”: trata-se de conjuntos de indivíduos conectados por ideias comuns, trabalhando em colaboração sobre problemas semelhantes, não necessariamente no mesmo local (Fine 1995). Assim, não se confundem com Universidades e Departamentos, os quais, aliás, primam pela diversidade de orientações teóricas e metodológicas.

No caso do Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago, criado em 1892, ocorreu a conjunção de proximidade física e interesses intelectuais similares (não idênticos), levando à formação de redes de professores e alunos de pós-graduandos que levaram a cabo um programa de pesquisa abordando problemas comuns, inicialmente no período de 1915 a 1935 (Primeira Escola de Chicago) e, posteriormente, de 1946 a 1960 (Segunda Escola de Chicago). Cabe salientar o reconhecimento, desde o início, da importância de combinar teoria e empiria; tanto é que o primeiro presidente da Universidade de Chicago, William Harper, “dispôs-se a fundar uma universidade devotada à pesquisa básica e à formação em pós-graduação” (Bulmer, 1984:14-15).

Ainda que a diversidade de orientações teórico-metodológicas de seus integrantes não deva ser exagerada, Becker (1999:9) identifica uma “escola de atividades”, caracterizada por práticas e métodos de pesquisa adotados em comum por pessoas que trabalhavam num determinado contexto social e institucional. Tal contexto é fundamental, inclusive, para a formulação de conceitos e teorias, pois “[...] nenhuma ideia existe por si mesma, em um vácuo; as ideias só existem porque são levadas adiante por pessoas que trabalham em organizações que perpetuam essas idéias e as mantêm vivas” (Becker 1996: 177).

É importante reconhecer no Departamento de Sociologia de Chicago outro elemento que, segundo Bulmer (1984), caracteriza uma escola no sentido aqui considerado: a presença de fortes lideranças intelectuais. Na Primeira Escola de Chicago, William Thomas³ e, posteriormente, Robert Park, cumpriram esse papel. Sua obra, com afiliação não explícita à filosofia pragmatista (Joas, 1999), em diálogo com a psicologia social de George Herbert Mead, marcou a produção intelectual da sociologia americana diretamente ou por meio do trabalho de seus alunos. Mead, por sua vez, alimentou as formulações do interacionismo simbólico de Blumer – forte influência na Segunda Escola de Chicago. Nesta última, não se verificaram lideranças indiscutíveis; pelo contrário, havia várias clivagens (partidários de métodos quantitativos versus métodos qualitativos; ênfase na teoria versus ênfase na empiria; disputa entre abordagens macro versus abordagens micro), tendo como motivação subjacente a disputa pelo legado de Robert Park (Fine, 1995).

Outros pontos – estes explicitamente compartilhados – eram o trabalho interdisciplinar e o compromisso com a compreensão dos problemas contemporâneos, sem resvalar para o assistencialismo ou a militância, estes marcantes na Chicago das primeiras décadas do século XX. Os temas pesquisados eram suscitados pelas próprias condições de rápida mudança da metrópole do meio-oeste americano, acarretada pelo crescimento intenso e desordenado: migrações, “desorganização social”, “marginalidade”, relações raciais e étnicas etc.

No início da década de 1950, o Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago sofre sérias perdas (aposentadoria de Burgess, morte prematura de Louis Wirth e transferência de Blumer para a Califórnia). Entretanto, permanece forte a influência de Hughes, inclusive sobre a formação de Howard Becker, o que favoreceu a continuidade da Escola naquela década.

Como será visto, nas décadas de 1940 e 1950, a Escola de Sociologia Chicago exerceu forte influência sobre a formação de pesquisadores brasileiros, sobretudo em decorrência da participação de Donald Pierson, egresso do Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago, que permaneceu durante 18 anos no corpo docente da então recém-criada Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo. (Massi, 1989). Note-se que Pierson privilegiou a abordagem da “ecologia humana”, marcada por uma concepção organicista e reducionista da vida social, à qual aplicava conceitos trazidos diretamente da biologia. (Pierson, 1970). Sua contribuição mais relevante para a sociologia foi de ordem metodológica, situando-se principalmente na ênfase que conferiu à pesquisa empírica, tendo orientado estudos de pequenas cidades. (Mendoza, 2005).

Em termos da pesquisa urbana contemporânea, as contribuições da Escola de Chicago têm sido negligenciadas, como se constatou em consulta a balanços recentes sobre a produção bibliográfica nessa área (Frehse; Leite, 2010; Valladares;

¹ Apoiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Cnpq).

² A denominação “Escola de Chicago” não era usada na Universidade de Chicago. O primeiro uso dessa denominação ocorreu em artigo publicado por L. Bernard, em 1930 (Bulmer, 1984).

³ Park ingressou na Universidade de Chicago a convite de Thomas. Este, que se tornou professor do Departamento de Sociologia em 1895, foi demitido em 1918 devido a um escândalo (teria sido flagrado em um hotel com uma mulher casada). Alguns autores (Joas, 1999; Matthews, 1977) atribuem o episódio e suas consequências às posições contestatórias de Thomas, particularmente seus pronunciamentos em prol da emancipação feminina, que teriam desagradado a direção da Universidade de Chicago. Em seu lugar foi contratado Elsworth Faris, mas a liderança intelectual ficou com Park.

Freire-Medeiros, 2002; Barreira; Mattos, 2012). É provável que essa negligência se deva à crítica ao reducionismo e determinismo espacial da abordagem da “ecologia humana” de Park e Burgess.

Entretanto, propõe-se que o legado da Escola de Sociologia de Chicago seja avaliado tendo em conta a gama diversificada de estudos interdisciplinares produzidos por integrantes daquela Escola sobre a cidade e seus personagens. Também se deve considerar os aportes teórico-metodológicos e pesquisas empíricas da Segunda Escola de Chicago, fortemente influenciada pelo interacionismo simbólico de Blumer, pelas contribuições metodológicas e substantivas de Becker para o estudo do “comportamento desviante” e pelas formulações de Goffman para o estudo de interações face-a-face no espaço público. Neste último caso, pode-se identificar na antropologia urbana uma apropriação das ideias e métodos desses dois autores desde a década de 1970, sobretudo em trabalhos realizados por Gilberto Velho, professor (já falecido) do Programa de Pós-Graduação em Antropologia do Museu Nacional (Velho, 2002; 2005).

Na mesma época, a geografia e o planejamento urbanos incorporaram ou dialogaram criticamente com os aportes teóricos da “ecologia humana” e com teorias desenvolvidas para explicar os padrões de distribuição de atividades e classes sociais no espaço urbano, configurando a estrutura da cidade, tendo como referência, principalmente, o modelo de círculos concêntricos elaborado por Burgess (Eufrásio, 1999). No entanto, nem nestes nem em outros campos disciplinares concernentes ao urbano verificou-se a influência da metodologia de corte etnográfico desenvolvida pioneiramente pela Escola de Chicago.

De um modo geral, o pouco reconhecimento da importância da Escola de Chicago reflete-se na escassez de material bibliográfico disponível em português. As poucas traduções existentes de textos dos pesquisadores daquela Escola estão esgotadas, como é o caso das coletâneas organizadas por Otávio Velho (1967) e Donald Pierson (1970). A primeira contém um texto onde Robert Park (1967) delinea um programa de pesquisas sobre a cidade, e outro onde Louis Wirth (1967) discute os elementos de um conceito culturalista de urbano. Já a coletânea publicada por Pierson contém apenas textos sobre ecologia humana. É lamentável que as etnografias realizadas nos anos 1920 e 1930 permaneçam todas inéditas em português. Só em anos recentes foram traduzidas duas obras exemplares dos métodos e temáticas da Escola de Sociologia de Chicago: *Sociedade de Esquina*, de Foote-Whyte (2005) e *Outsiders*, de Becker (2008). Goffman teve mais sorte, com dois livros publicados em meados da década de 1970 (*Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*; e *Manicômios, prisões e conventos*).

Contudo, o legado teórico e metodológico da Escola de Chicago tem muito a contribuir para o aprofundamento da agenda de pesquisa sobre a cidade contemporânea e para o refinamento de seus métodos. Afinal, uma das preocupações daqueles pesquisadores era a tensão decorrente de fortes desigualdades socioeconômicas e culturais, refletidas em processos de segregação urbana, e da convivência de estranhos no espaço público, típica da grande cidade moderna – tensão reposta na cidade contemporânea pelo processo de globalização (Lopes, 2005), onde a cidadania multicultural encontra seus limites em políticas neoliberais.

CONTEXTUALIZAÇÃO

O foco dos trabalhos elaborados no âmbito da Escola de Sociologia de Chicago foram os problemas da cidade moderna, principalmente a própria Chicago (Joas, 1999). Em seus primórdios, a cidade do meio-oeste americano não passava de um pequeno entreposto, com pouco mais de quatro mil habitantes em 1840. Cinquenta anos mais tarde, sua população era superior a um milhão de pessoas; em 1910, superava dois milhões e em 1930, chegava a mais de três milhões de habitantes (Bulmer, 1984). Esse crescimento vertiginoso deveu-se a intensos fluxos migratórios, constituídos por famílias oriundas da Europa (alemães, italianos, irlandeses, escandinavos, lituanos, poloneses, judeus russos e outros). Em 1920, 75% dos habitantes de Chicago eram estrangeiros ou descendentes diretos de estrangeiros (Carey, 1975), que transformaram a cidade “em um laboratório humano” e “em um canteiro de obras culturais” (Joseph, 2005:100). Tanto é que por volta de 1915, havia em Chicago 19 jornais diários, publicados em sete línguas diferentes (Park, 1967 [1916]). A esse “melting pot” agregavam-se famílias procedentes de áreas rurais do próprio país, principalmente negros vindo de Estados do sul, sobretudo a partir dos anos 1920.

O crescimento demográfico e econômico de Chicago foi impulsionado por sua posição de entroncamento ferroviário, que favoreceu a concentração de atividades industriais e comerciais dinâmicas, como indústrias de processamento de carne e metalúrgica, comércio de trigo, produção de veículos etc. Em áreas poluídas e sem saneamento alojava-se a população trabalhadora, dividida espacialmente, grosso modo, de acordo com a procedência. A aglomeração, em diferentes porções do espaço urbano, de atividades e pessoas viria a ser um tema recorrente nos trabalhos dos pesquisadores: escrevendo em meados de 1916, Robert Park destaca a presença, “em toda cidade grande”, de “guetos e áreas de segregação populacional”, além de “distritos de vício segregados”, “pontos de encontro para criminosos de todos os tipos”, “subúrbios ocupacionais” e seus “quistos residenciais” (Park, 1967 [1916], p. 29).

Chicago era um lugar de contrastes. Por um lado, nela se desenvolvia um capitalismo tão vigoroso quanto selvagem, que apostava na farta disponibilidade de mão-de-obra para manter precárias condições de salubridade e jornadas de trabalho de 12 a 14 horas nos estabelecimentos fabris e comerciais. A cidade foi palco de um intenso movimento operário, do qual resultou uma grande greve em 1894, severamente reprimida. A violência, frequentemente associada ao crime organizado e à corrupção da máquina político-administrativa, era uma constante no cotidiano dos habitantes.

Por outro lado, a metrópole destacava-se como centro de arte e cultura, tendo se tornado um dos berços da arquitetura modernista. Para tanto contribuíram as oportunidades para novas construções, criadas pela destruição provocada pelo

grande incêndio de 1871 (Coulon, 1995; Bulmer, 1984). A modernidade da metrópole foi exibida ao mundo na Exposição Mundial de 1893, que ela sediou.

Há que destacar a forte influência da religião protestante, que aliava à fé a vocação filantrópica:

A elite econômica que se formou em Chicago mostrou-se bastante sensível desde o século XIX à filantropia e a empreendimentos assistenciais ou de interesse social da comunidade; deu apoio também a iniciativas de caráter artístico-cultural e custeou ou colaborou decisivamente em certo número de atividades e na criação de instituições como a Orquestra Sinfônica, em 1891, o Instituto de Artes, em 1879, e várias outras. Teve igualmente importante papel ao propiciar condições para o desenvolvimento da Escola de Arquitetura de Chicago. (Eufrásio 1995: 43).

Não por acaso, a criação da Universidade de Chicago, em 1892, deveu-se à iniciativa do magnata de petróleo John D. Rockefeller, que confiou a tarefa a William Harper, um ex-pastor batista. Este convidou para ingressar no corpo docente da instituição Albion Small, Ph.D em história, com prévia formação em teologia, que persuadiu Harper a criar o primeiro Departamento de Sociologia de uma Universidade americana.

O Departamento iniciou suas atividades concomitantemente com a Universidade, em 1892. Apesar da orientação religiosa e reformista de vários trabalhos realizados durante seus primeiros anos, prevaleceu a preocupação com o caráter científico da Sociologia – tanto é que Thomas e Park repudiavam o uso de pesquisas para denunciar problemas sociais. Não estavam alheios às responsabilidades políticas dos sociólogos, mas exigiam a aplicação de padrões rigorosos de pesquisa científica (Joas, 1999).

A Escola de Chicago foi pioneira na abordagem interdisciplinar do urbano, a começar pelo fato de reunir num mesmo departamento a sociologia e a antropologia⁴. Havia um diálogo constante com outras disciplinas, em especial a filosofia e a psicologia, mediante diálogos com John Dewey e George Herbert Mead (Joas, 1999). As ideias destes seriam cruciais para o interacionismo simbólico, corrente que viria a ter forte influência no pensamento sociológico a partir da década de 1960. Aportes da geografia, da demografia e da economia também foram incorporados, particularmente nas teorias sobre a estrutura urbana (Eufrásio, 1999).

A primeira Escola de Chicago recebeu a influência de pensadores europeus, como Spencer, Tönnies, Durkheim e Simmel. As características de anonimato, impessoalidade e racionalidade que este último atribuiu à vida na metrópole (Simmel, 1967) exerceram influência direta nas concepções de cidade elaboradas por Wirth (1967) e Park (1967).

O pioneirismo da Escola de Chicago também sobressai na formulação de métodos qualitativos, a partir da obra de William Thomas e do sociólogo polonês Florian Znaniecki, *The Polish peasant in Europe and America*, publicada em 1918, onde os autores utilizaram fontes até então estranhas à pesquisa científica, como reportagens de jornais e outros materiais que expressassem diretamente a perspectiva dos agentes: cartas, diários, histórias de vida. O trabalho de campo, combinando observação participante e entrevistas, foi uma marca também de outras pesquisas desenvolvidas por professores e alunos em Chicago. Escrevendo em 1960, Hughes, ex-orientador de Becker, afirmava:

[...] o trabalho de campo não é apenas um entre vários métodos de estudo social, mas é o mais importante. Mais do que outros métodos de estudo, é uma prática em si mesmo, empreendida conscientemente, na própria sociologia – na percepção e previsão de papéis sociais, tanto o próprio como os de outrem. (p. ix). [...] Se algum método de campo apresenta qualquer sentido peculiarmente sociológico, evidentemente este é um deles. Se a Sociologia pode ser concebida como a ciência da interação social e dos resultados culturais e institucionais da interação (os quais se tornam fatores que condicionam a interação futura), então a observação de campo é Sociologia Aplicada. (Hughes, 1970 [1960]:xvii).

Merecem destaque os trabalhos desenvolvidos por alunos de Park ou Burgess, que Deegan (2007) classifica como “core ethnographies”, realizados nas décadas de 1920 e 1930. Esses trabalhos, em que “cada sociólogo analisava a vida cotidiana, as comunidades e as interações simbólicas características de um grupo específico” (Deegan, 2007, p. 11)⁵, foram, entre outros: *The hobo*, de Nels Anderson (1923); *The gang*, de Frederick Tashner (1927); *The ghetto*, de Louis Wirth (1928); *The Gold Coast and the slum*, de Harvey Zorbaugh (1929); *The jack roller*, de Clifford Shaw (1930); e *The taxi-dancer girl*, de Paul Cressey (1932). O enfoque etnográfico não excluía o uso de mapas, estatísticas e documentos oficiais, que permitiam uma visão mais ampla e menos subjetiva dos fenômenos estudados.

Uma das críticas recorrentes à EC é a ausência de teoria em seus trabalhos, que se distinguiriam apenas pelas inovações metodológicas, carecendo, porém, de generalizações aplicáveis a outros contextos. Essa crítica tem por base a concepção de teoria como um conjunto de proposições sobre categorias abstratas como “burocracia”, “capitalismo” ou “gênero”, e a relação destas com “variáveis” (Abbott, 1997:1152). Entretanto, quando a teoria é concebida como proposições relativas a uma realidade específica, situada no tempo e no espaço (delinquência juvenil, segregação urbana, guetos), as pesquisas realizadas no âmbito da Escola de Sociologia de Chicago apresentam grande contribuição teórica. Segundo Abbott (1997:1152), para os pensadores dessa Escola

[...] não se pode entender a vida social sem entender os arranjos de atores sociais particulares em tempos e locais particulares. Outra maneira de afirmar isso é dizer que [os pesquisadores da Escola] Chicago

⁴ O Departamento de Antropologia só foi criado em 1929.

⁵ Tradução livre do inglês, pela autora deste artigo.

achava[m] que nenhum fato social faz sentido quando abstraído do seu contexto do espaço e do tempo social (e geográfico). Fatos sociais são localizados. Isto significa um foco nas relações sociais e na ecologia em análise sincrônica, como significa um foco semelhante sobre o processo numa análise diacrônica. Cada fato social é situado, rodeado por outros fatos contextuais trazidos à luz por um processo que o relaciona a contextos passados (italico no original; tradução livre, da autora deste artigo).

Alunos e professores realizavam etnografias, à semelhança do que faziam os antropólogos, desde Malinowski – com a diferença de que a antropologia dedicava-se principalmente ao estudo de grupos “exóticos” ou tradicionais. A eleição da cidade como locus da pesquisa antropológica só viria a acontecer na década de 1970 (Hannerz, 1980). Tal como a antropologia urbana contemporânea, os pesquisadores da Escola de Chicago trabalharam com temas micro e estudaram grupos cujo comportamento divergia das normas vigentes: “hobos” (andarrilhos), prostitutas, delinquentes juvenis, gângsteres, migrantes etc.

Durante os anos 1920 e até meados da década de 1930, Chicago foi o principal centro da produção sociológica nos EUA: a maior parte dos presidentes da Associação Americana de Sociologia era constituída por professores daquela instituição (Bulmer, 1985), de onde também provinham os editores do principal periódico da área, *The American Journal of Sociology*. No período posterior à II Guerra, sua influência declinou, sobrepujada que foi por outras universidades: Harvard, onde Talcott Parsons desenvolveu um teoria geral estrutural-funcionalista isolada de um programa de pesquisa empírica; e Columbia, onde Robert Merton elaborou teorias funcionalistas de “médio alcance” e Paul Lazarsfeld conduziu surveys e pesquisas de opinião, marcando o início do predomínio dos métodos quantitativos na sociologia. (Gusfield, 1995).

No Brasil, pode-se identificar a influência da Escola de Sociologia de Chicago no início da institucionalização das ciências sociais. Tal influência se fez sentir diretamente, pela presença de um de seus integrantes, Donald Pierson, na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, de 1939 a 1952, como já mencionado. Pierson foi responsável pela formação de vários pesquisadores brasileiros (Valladares, 2005): sob sua influência, foram realizados trabalhos sobre relações étnicas, “estudos de comunidade” e um pequeno número de pesquisas que se poderiam classificar como urbanas (Mendoza, 2005).

Note-se que Pierson privilegiou a abordagem da “ecologia humana”, marcada por uma concepção organicista e reducionista da vida social, à qual aplicava conceitos trazidos diretamente da biologia. (Pierson, 1970). Sua contribuição mais relevante para a sociologia foi de ordem metodológica, situando-se principalmente na ênfase que conferiu à pesquisa empírica, tendo orientado estudos de pequenas cidades. (Mendoza, 2005).

Nas décadas de 1960 e 1970, o clima político e intelectual no Brasil, marcado pela crítica ao imperialismo norte-americano, concorreu para a rejeição das ciências sociais produzidas nos Estados Unidos, atingindo as formulações da Escola de Chicago (Velho, 2005). Prevaleram na sociologia brasileira abordagens influenciadas pelo marxismo, contemplando temas macrossociológicos, como classes sociais, Estado e desenvolvimento capitalista. Mesmo quando eram abordados temas diretamente ligados ao urbano (favelas, habitação em geral, migração rural-urbana e outros), a dimensão espacial da dinâmica societária não era explicitada, ou era mesmo negada. Para tanto, muito contribuiu a influência de pensadores como Castells (1983), cujo foco eram as determinações estruturais do capitalismo na produção do espaço urbano.

Na antropologia, o interesse por questões urbanas, manifestado a partir da década de 1970, não modificou o enfoque predominante, que enfatizava a dimensão micro dos fenômenos estudados, buscando sua expressão em práticas e representações de sujeitos sociais, mediante o trabalho de campo etnográfico. Entretanto, o espaço urbano era considerado um mero “invólucro” desses fenômenos, um locus que não lhes conferiria qualquer especificidade: tratava-se de fazer antropologia **na** cidade, e não antropologia **da** cidade, como afirmavam Machado da Silva e Gilberto Velho (1977).

O URBANO COMO OBJETO DE PESQUISA NO BRASIL

O urbano tem sido objeto de pesquisa em um número crescente de disciplinas das áreas de ciências humanas e ciências sociais aplicadas. Um balanço preliminar da produção sobre essa temática no Brasil indica como seu ponto de partida estudos monográficos desenvolvidos nos anos 1930 por geógrafos, aos quais se foi agregando a produção de outras disciplinas como sociologia, demografia, administração pública, economia, história, urbanismo, planejamento urbano, ciência política e direito urbanístico (Valladares; Coelho, 1997). Algumas dessas disciplinas reconheceram o urbano como uma subárea, o que foi ressaltado em balanços críticos relativos a cada uma delas: geografia (Abreu, 2002); história (Bresciani, 2002); sociologia (Frehse; Leite, 2010); e antropologia (Eckert, 2010; Frúgoli, 2005).

Não há espaço, aqui, para discutir a influência da Escola de Chicago sobre as ciências sociais lato sensu ou as ciências sociais aplicadas. No que se refere à sociologia e à antropologia urbanas, até a década de 1980 havia resistência à incorporação da dimensão espacial na teoria e na pesquisa, como foi mencionado. A “virada” em direção a fenômenos de ordem micro e à esfera do cotidiano de bairros e periferias deve muito ao contexto político dos anos 1970, quando eclodiram movimentos sociais urbanos, com reivindicações pertinentes à reprodução da vida social (habitação, saneamento, escolas, creches, etc.). Tratavam-se de fenômenos novos, pois fugiam aos modelos explicativos clássicos, que enfatizavam o papel das contradições capitalistas, do Estado e da luta de classes (Sader, 1988). Nesse momento, o estudo dos movimentos sociais urbanos passa a incorporar os métodos da antropologia de forma assistemática e pouco crítica, confundindo militância com pesquisa de campo – uma prática que Durham (1987) denominou de “participação observante”, e que a Escola de Chicago não admitiria...Desde então, a popularidade da pesquisa etnográfica tem aumentado, sem que seja acompanhada de formação sistemática para a utilização de métodos qualitativos em geral (Magnani, 2012). Note-se que o primeiro requisito da observação participante é justamente a capacidade de inserir-se no

grupo, obter sua confiança e conseqüentemente, sua colaboração, ao mesmo tempo em que se mantém a própria identidade de pesquisador.

Em termos substantivos, a abertura à contribuição de outras disciplinas, como a geografia e o urbanismo, ensejou um maior reconhecimento do espaço como elemento constitutivo das relações sociais (Barreira; Mattos, 2012). Mesmo assim, nota-se que esse reconhecimento ainda é incipiente, como aponta Bringel (2012), ao propor uma agenda para o estudo dos movimentos sociais contemporâneos:

[...] o lugar e o espaço devem ser entendidos como esferas de luta e elementos definidores do movimento social. Nos últimos anos, esse esforço analítico transcende o trabalho dos geógrafos e se insere em um spatial shift mais amplo nas ciências sociais e humanas, informando parte do debate pós-estruturalista e pós-moderno, e pressionando a reconsideração do espaço dentro da teoria social.

De qualquer forma, pode-se dizer que a eclosão dos movimentos sociais urbanos contribuiu para a renovação teórico-metodológica das ciências sociais na década de 1980, o que, por sua vez, afetou as práticas de pesquisa urbana.

Infelizmente, essa renovação não foi suficiente para romper as barreiras disciplinares que os estudiosos do urbano, por vezes, se colocam, mesmo quando se propõem a reconhecer “interfaces”, como faz Frúgoli a respeito da sociologia e da antropologia urbanas (2005:134):

Não se está propondo aqui uma interdisciplinaridade ou “transdisciplinaridade” entre antropologia e sociologia, mas uma perspectiva disciplinar, ou seja, um eixo de análise (no caso antropológico) com objetos e métodos próprios que incorpora, numa perspectiva hierárquica, outros campos do saber.

Quando se tem um objeto multifacetado, como é o caso da cidade, trata-se mais do que uma incorporação “hierárquica” de outros campos do saber (a qual deles caberia a primazia?); trata-se de um trabalho que já se deveria iniciar colaborativo, como as tantas pesquisas realizadas pela Escola de Sociologia de Chicago. Vale a pena conhecer melhor essa experiência institucional para aproveitar suas lições quanto à interdisciplinaridade, a pluralidade de métodos e a combinação entre compromisso ético-político e distanciamento crítico. Infelizmente, também permanecem sem tradução para o português as obras de referência a Escola de Sociologia de Chicago (Bulmer, 1986; Chapoulie, 2001; Fine, 1995).

REFERÊNCIAS

- Abott, Andrew. “Of time and space: the contemporary relevance of Chicago School”. *Social Forces*, V. 4, N. 75, University of North Carolina Press, Jun. 1997, 1149-82.
- Abreu, Mauricio. “A cidade da geografia no Brasil” IN Oliveira, L. (Org.). Cidade: história e desafios. Rio de Janeiro: 2002.
- Barreira, Irllys Alencar Firmo; Lima, Geísa Mattos de Araújo. “Subversões do olhar: evidências temporais de uma microssociologia dos espaços urbanos”. *Caderno CRH*, Salvador: Universidade Federal da Bahia, V. 26, N. 69, Set/Dez. 2013, 529-544.
- Becker, Howard. “A escola de Chicago”. *Mana*, Rio de Janeiro: Museu Nacional, Vol. 2, N. 2, 1996, 177-188
- _____. “The Chicago School, so-called”. *Qualitative Sociology*, New York: Human Science Press, V. 2, N. 1, 1999, 3-12.
- _____. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- Blumer, Herbert. *Symbolic interactionism: perspective and method*. Berkeley: University of California Press, 1986
- Bresciani, Maria Stella. “Cidade e história”. IN Oliveira, L. (Org.). Cidade: história e desafios. Rio de Janeiro, 2002.
- Bringel, Breno. “Com, contra e para além de Charles Tilly: Mudanças teóricas no estudo das ações coletivas”. *Sociologia & Antropologia*, Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, V. 2, N. 3, 2012, 43-67.
- Bulmer, Martin. *The Chicago School of Sociology: Institutionalization, Diversity, and the Rise of Sociological Research*. Chicago and London: The University Press of Chicago, 1986.
- Carey, James T. *Sociology and public affairs: the Chicago School*. Beverly Hills: Sage Publications, 1975.
- Castells, Manuel. *A questão urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- Chapoulie, Jean-Michel. *La tradition sociologique de Chicago. 1892-1961*. Paris: Editions du Seuil, 2001.
- Coulon, Alain. *A Escola de Chicago*. Campinas: Papirus, 1995.
- Deegan, Mary Jo. “The Chicago School of Ethnography”. IN Atkins et al. (Orgs.). *Handbook of ethnography*. [S.L?] Sage Publications, 2007.
- Durham, Eunice. “A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas”. IN Cardoso, R. Org.). *A aventura antropológica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- Eckert, Cornélia. “Cidade e política: nas trilhas de uma antropologia da e na cidade no Brasil”. IN Martins, C. (Coord.) *Antropologia*. São Paulo: Horizontes das Ciências Sociais no Brasil; Anpocs, 2010.

- Eufrásio, Mario Antonio. Estrutura urbana e ecologia humana: A escola sociológica de Chicago (1915-1940). São Paulo: Editora 34, 1999.
- _____. A escola de Chicago de Sociologia: perfil e atualidade. Anais do 33º Encontro do CERU, São Paulo, 2009.
- Fine, Gary Alan. (Org.). A second Chicago School? The development of a postwar American Sociology Chicago and London, The University of Chicago Press, 1995.
- _____. Gusfield, Joseph. "Preface". IN Fine, G. (Org.). A second Chicago School? The development of a postwar American Sociology Chicago and London, The University of Chicago Press, 1995.
- Foote-Whyte, William. Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área pobre e degradada. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- Frehse, Fraya; Leite, Rogério Proença. Espaço Urbano no Brasil. Sociologia, São Paulo: Anpocs, 2010. (Horizontes das Ciências Sociais no Brasil).
- Feire, Jussara; Rocha, Lia de Mattos. "Para uma sociografia da sociologia urbana brasileira: a obra de Luiz Antonio Machado da Silva". Antropolítica Revista Contemporânea de Antropologia, Niteroi: Universidade Federal Fluminense, N. 28, V. 1. Sem. 2010 69-91
- Frúgoli Jr., Heitor. "O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia". Revista de Antropologia, São Paulo: Universidade de São Paulo, V. 48, N.1, 2005.
- Goffman, Erving. Manicômios, prisões e conventos. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- _____. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- _____. Comportamento em lugares públicos. Petrópolis: Vos, 2010.
- Hannerz, Ulf. Exploring the city. New York: Columbia University Press, 1980.
- Hughes, Everett. "Introdução: o papel do trabalho de campo nas Ciências Sociais". IN _____. Junker, B. A importância do trabalho de campo: introdução às Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Lidador, 1971.
- Joas, Hans. "Interacionismo simbólico" IN Giddens, A. e Turner J. (orgs.). Teoria social hoje. São Paulo: UNESP, 1999.
- Joseph, Isaac. "A respeito do bom uso da Escola de Chicago" IN Valladares, L. (Org.). A Escola de Chicago: Impacto de uma tradição no Brasil e na França. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- Lopes, Juarez Brandão. "A Escola de Chicago ontem e hoje: um depoimento pessoal" IN VALLADARES (Org.). A Escola de Chicago. Impacto de uma tradição no Brasil e na França. Rio de Janeiro: IUPERJ; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- Machado da Silva, Luis Antonio; Velho, Gilberto. "A Organização Social do Meio Urbano". Anuário Antropológico, Brasília, Programa de Pós-Graduação da Universidade de Brasília, N.76, 1977, 71-83.
- Magnani, José Guilherme. A etnografia é um metodo, nao uma mera ferramenta de pesquisa...que se pode usar de qualquer maneira. Revista de Ciências Sociais Fortaleza, Departamento de Ciências Sociais , Fortaleza, v. 43, n. 2, jul./dez. 2012, p. 169-178.
- Massi, Fernanda. Franceses e norte-americanos nas ciências sociais brasileiras 1930-1960. In: MICELI, Sergio (Org.). História das Ciências Sociais no Brasil. v. 1. São Paulo: Vértice, 1989. p. 410-457.
- Matthews, Fred H. Quest for an American Sociology: Robert E. Park and the Chicago School. Montreal: McGill-Queen's Press, 1977.
- Mendonza, Edgar S. G. Donald Pierson e a escola sociológica de Chicago no Brasil: os estudos urbanos na cidade de São Paulo (1935-1950). Sociologias, ano 7, n. 14, p. 440-470, jun/dez. 2005. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=86819559015>>. Acesso em: 21 ago.2014.
- Park, Robert. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- Pierson, Donald (Org.). Estudos de ecologia humana. Tomo I. São Paulo: Livraria Martins, 1970. P. 21-37.
- Sader, Eder. Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- Simmel, Georg. "A metrópole e a vida do espírito". In: Velho, O. (Org.). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.
- Souza, Marcelo Lopes de. Mudar a cidade: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- Topalov, Cristian. "Para um historicismo reflexivo na história das ciências: o caso da 'Escola de Chicago' na sociologia Urbana". Revista eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos da Cidade, São Paulo, V. 1, N. 2, p. 1-10, 2007.

- Valladares, Licia do Prado. "Urban sociology in Brazil: a research report". International Journal of Urban and Regional Research, Hoboken, New Jersey: Wiley Blackwekk Publishers, V. 12, N. 2, 1988, 285-302
- _____. (Org.) A escola de Chicago. Impacto de uma tradição no Brasil e na França. Rio de Janeiro: IUPERJ; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- _____; Freire-Medeiros, Bianca. "Olhares sociológicos sobre o Brasil urbano: uma visão a partir do UrbanData-Brasil" IN Oliveira, L. (Org.). Cidade: história e desafios. Rio de Janeiro, Editora da FGV, 2002.
- _____; Coelho, Magda (Orgs.). Sistematização da produção de pesquisas sobre o urbano no Brasil. Rio de Janeiro: UrbanData Brasil/IUPERJ, 1997 (Relatório Final, v. 1).
- Velho, Otávio Guilherme (Org.). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- Velho, Gilberto. "Becker, Goffman e a antropologia no Brasil". Ilha Revista de Antropologia Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, V. 4, N.1, jul. 2002, 5-16.
- _____. "Reflexões sobre a Escola de Chicago" IN Valladares, L. (Org.). A escola de Chicago. Impacto de uma tradição no Brasil e na França. Rio de Janeiro: IUPERJ; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- Wirth, Louis. "O urbanismo como modo de vida" IN Velho, O. (Org.). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.